



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA

BRUNA MAYRA MONTEIRO DA SILVA

**GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS
CORPORAIS MISTAS**

Recife, 2024

BRUNA MAYRA MONTEIRO DA SILVA

**GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS
CORPORAIS MISTAS**

Projeto apresentado à disciplina de Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso II em Educação Física do Curso de Educação Física do Departamento de Educação Física, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito para a aprovação na disciplina Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso II em Educação Física.

Orientador: Prof^o. Dr. Alessandro Barbosa da Costa

Recife, 2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

SILVA, Bruna Mayra Monteiro da.

Gênero e Educação Física: Um estudo sobre as práticas corporais mistas /
Bruna Mayra Monteiro da SILVA. - Recife, 2025.
23p.

Orientador(a): Alexsandro Barbosa da COSTA

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Educação Física - Licenciatura,
2025.

Inclui referências.

1. Gênero. 2. Educação Física. 3. Escola. 4. Aulas mistas. I. COSTA,
Alexsandro Barbosa da . (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS MISTAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Departamento de Educação Física da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

Aprovada em: 15 / 08 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ALEXSANDRO BARBOSA DA COSTA**
Data: 18/11/2024 18:01:27-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profº. Dr. Alexsandro Barbosa da Costa
Universidade Federal de Pernambuco

Documento assinado digitalmente
 **DEBORA PRISCILA LIMA DE OLIVEIRA**
Data: 08/11/2024 15:00:54-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profª. Ma. Débora Priscila Lima de Oliveira
Universidade Federal de Pernambuco

Documento assinado digitalmente
 **GUSTAVO WILLAMES PIMENTEL BARROS**
Data: 09/11/2024 10:11:03-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profº. Dr. Gustavo Willames Pimentel Barros
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Gostaria expressar minha demasiada gratidão a todas as pessoas envolvidas no processo de construção desse trabalho.

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, Sueli Monteiro e José Edson, pelo apoio incondicional, pela força, motivação e por viverem esse sonho comigo desde o princípio.

Aos meus incentivadores e motivadores, Mery Monteiro, Carlos Augusto, Emerson Teixeira, Almery Scanori, obrigada por sempre acreditarem e me apoiarem nesse longo processo, sem a contribuição de vocês essa jornada seria ainda mais desafiadora.

Meu profundo agradecimento também ao meu orientador, Alexsandro Barbosa, por toda paciência, orientação, dedicação, credibilidade e por humanizar esse processo desafiador.

Agradeço também a minha primeira professora Luciene Silva que me inspira todos os dias com sua excelência e paixão ao lecionar, gratidão por todos os ensinamentos e por ressaltar a importância de estudar.

Ao meu amor, Vitória Gabriele, por todo apoio, incentivo e auxílio.

E por fim agradeço a Deus e ao universo pela saúde, discernimento e oportunidade.

RESUMO

Este trabalho traz como objetivo analisar como a Educação Física e as práticas corporais mistas podem contribuir para desconstrução da desigualdade de gênero, no contexto educativo do ensino médio. Foi pesquisado como as relações entre os gêneros influenciam na participação dos alunos nas atividades pedagógicas de caráter prático a partir de um contexto histórico, a relação histórica entre meninos e meninas na Educação Física no ensino médio e a visão do professor dessa disciplina sobre as práticas mistas. O estudo se baseia em uma pesquisa bibliográfica de natureza descritiva e qualitativa. Dessa forma, a pesquisa evidencia que o protagonismo e a preocupação dos professores assumem um papel indispensável na desconstrução dos estereótipos de gênero, evidenciando também a importância de formações continuadas para uma abordagem mais assertiva e diretiva quanto às questões de gênero. Os resultados revelam que as aulas mistas sem o apoio da coeducação não são eficazes para a redução da prevalência de um gênero sobre o outro em adesão às aulas práticas. Em suma, a Educação Física tem um grande potencial para contribuir com a equidade de gênero desde que suas práticas possuam viés inclusivo e igualitário.

Palavras-chave: gênero, educação física, escola, aulas mistas.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze how physical education and mixed bodily practices can contribute to the deconstruction of gender inequality, in the context of secondary education. The research investigated how the relationship between genders influences students' participation in practical teaching activities based on a historical context, the historical relationship between boys and girls in high school physical education and the physical education teacher's view about mixed practices. The study is based on a bibliographic research with a descriptive and qualitative nature. As such, the research highlights that the protagonism and concern of teachers play an indispensable role in deconstructing gender stereotypes, also highlighting the importance of continuing training for a more assertive and directive approach to gender matters. The results show that mixed classes without the support of coeducation are not effective in reducing the prevalence of one gender over the other in terms of adherence to practical classes. In short, physical education has great potential to contribute to gender equality as long as its practices have an inclusive and egalitarian approach.

Keywords: gender, physical education, school, mixed classes.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVO	10
2.1 Objetivo geral.....	10
2.1 Objetivos específicos	10
3. REFERENCIAL TEÓRICO	11
3.1 Contexto histórico.....	11
3.2 Relação histórica entre meninos e meninas durante as aulas de educação física do ensino médio	12
3.3 Visão dos professores sobre as práticas mistas.....	14
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
5. RESULTADOS	17
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
7. REFERÊNCIAS	21

1. INTRODUÇÃO

A escolha do tema se deu pelo interesse em ampliar as discussões sobre o que se refere ao gênero e as manifestações corporais entre meninos e meninas no contexto escolar, mais especificamente nas aulas da disciplina de Educação Física.

Segundo Cruz e Palmeira (2009) às diferenças corporais existentes entre meninos e meninas ficam mais acentuadas durante as aulas desse componente curricular, e essas diferenças são resultados de manifestações biológicas e culturais. Isso nos aponta que além das diferenças naturais, as relações de gênero sofrem influência cultural e social que acabam gerando conflitos de interesses que resultam no beneficiamento de um gênero sobre o outro.

Sabendo que atualmente vivemos numa sociedade rodeada de exclusões e dentre as mesmas podemos destacar as questões de gênero, sendo a escola um ambiente de fundamental importância para a socialização e a formação moral dos futuros cidadãos ao refletir diretamente no meio social, é inquietante que essas manifestações de comportamento excludente se deem também em tal espaço educativo.

É na escola que os alunos recebem a oportunidade de interação e de experimentação corporal nas aulas de Educação Física, e durante essas aulas conseguimos observar de forma prática e evidente a separação entre meninos e meninas. Para Poloni e Furlan (2022) gênero e sexualidade são construções que perpassam o biológico e envolvem contextos sociais e culturais e estão diretamente relacionadas com o contexto vivenciado, esse comportamento estereotipado se estabelece no meio social e acaba adentrando o meio escolar.

Pensando em um direcionamento reflexivo sobre a temática, fizemos a escolha de pesquisarmos o contexto formativo dos jovens estudantes de Educação Física do Ensino Médio, ao percebermos o maior nível de maturidade apresentado por esse grupo de alunos. Segundo Sposito (2005) a adolescência se trata de uma fase da vida onde os indivíduos buscam pela autonomia, e iniciam um processo de construção coletiva e pessoal através da experimentação. Sabendo disso, a escola e a família se tornam os meios de construção e desenvolvimento de tal especificidade, fazendo dessa fase um momento de extrema importância para uma discussão sobre gênero. A adolescência marca uma transição entre a infância e a vida adulta, trazendo junto transformações de caráter não só biológico, social e emocional, percebendo - se também, o desenvolvimento da autonomia, descobertas e experimentação de novas vivências.

Nessa fase a personalidade dos indivíduos começa a se estabelecer de forma mais marcante, trazendo consigo o surgimento de conflitos e inquietações, torna-se essencial investigar como os mesmos se relacionam com temas sociais abrangentes, como as questões de gênero, mais especificamente as práticas corporais mistas nas aulas de Educação Física.

Sendo assim, é importante identificarmos o papel do professor nesse processo, pois ao entendermos que os mesmos buscam sempre o sucesso a partir de suas práticas educativas, as escolhas das metodologias a partir de uma determinada perspectiva pode vir a contribuir positivamente ou negativamente para a compreensão e aceitação da diversidade por parte de tais alunos, já que as práticas pedagógicas possuem a ligação direta com a realidade cultural, política e social.

A justificativa científica deste trabalho parte da necessidade de promover reflexões e análises sobre as questões de gênero presentes nas aulas de Educação Física escolar do ensino médio. A temática está ainda associada a inquietações pessoais como mulher e professora de Educação Física acerca do tratamento desigual perante meninos e meninas, presenciados ao longo da vida, salientando assim a importância de entendermos por que se dá esse processo de segregação durante as aulas de Educação Física ainda atualmente, e como a mesma pode contribuir na reversão desse cenário.

O professor planeja e executa as suas aulas a partir de suas vivências e dos conhecimentos absorvidos por ele, nesse caso se torna comum presenciarmos diversas situações onde o professor acaba por disseminar de forma equivocada ideias e conceitos sobre práticas educativas. Auad (2004) afirma que para se considerar uma prática educativa as ações devem ser claramente direcionadas ao combate às desigualdades de gênero. Portanto as propostas baseadas na coeducação devem não somente promover interação social mista, como também problematizar, discutir e priorizar o fim das desigualdades de gênero no ambiente escolar.

Sendo a coeducação uma metodologia de aulas mistas que garantem através de práticas reflexivas e acolhedoras que meninos e meninas sejam tratados de maneira justa e igualitária.

Ao utilizar o termo coeducação, refiro-me a um modo de gerenciar as relações de gênero na escola, de maneira a questionar e reconstruir as ideias sobre o feminino e sobre o masculino. Trata-se uma política educacional, que prevê um conjunto de medidas e ações a serem implementadas nos sistemas de ensino, nas unidades escolares, nos afazeres das salas de aula e nos jogos e nas brincadeiras dos pátios. (AUAD, 2021, p.79)

Portanto, surge a indagação: Como a Educação Física e suas práticas corporais mistas

podem contribuir para a desconstrução da desigualdade de gênero, no contexto educativo do ensino médio?

2. OBJETIVO

2.1. Objetivo geral: Analisar como a Educação Física e as práticas corporais mistas podem contribuir para desconstrução da desigualdade de gênero, no contexto educativo do ensino médio.

2.2. Objetivos específicos:

- Explicar como as relações de gênero impactam historicamente na participação dos alunos nas aulas de Educação Física escolar do ensino médio.
- Descrever a influência das práticas mistas enquanto alternativa metodológica para trabalhar as questões de gênero nas aulas de Educação Física escolar do ensino médio.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Agora iremos abordar e apresentar alguns conceitos, justificativas, características e aspectos relacionados à temática, constituídos a partir do nosso levantamento de material e que ajudaram de forma significativa na construção de nossa reflexão.

3.1. Contexto histórico

Historicamente mulheres são colocadas constantemente em situação secundária em relação aos homens, em contextos esportivos, sociais e isso se dá pela educação patriarcal que subentende habilidades específicas para cada gênero. Quando abordamos o assunto gênero, precisamos entender sua abrangência e complexidade, pois seu conceito além de amplo, facilmente é confundido ou associado ao de sexo.

Sendo assim, segundo Scott (2017) quando falamos de gênero devemos entender que o conceito envolve relações de poder e que o gênero seria baseado no que pode ser socialmente construído levando em consideração aspectos culturais, políticos e históricos, senso comum, tradições, tabus e mitos. Partindo disto faz-se necessário que tratemos as questões de gênero levando em consideração os diversos âmbitos aos quais estão associados, permitindo assim a promoção de ambientes acolhedores, inclusivos e respeitosos.

De acordo com Abreu e Andrade (2010) o conceito de gênero se manifesta por volta de 1960 junto com movimentos femininos associados a questões políticas e sociais. Foi na década de 60 que as mulheres começaram a falar de forma aberta e direta sobre as relações de poder desiguais entre homens e mulheres. A década de 60 traz consigo o que foi denominada a segunda onda do feminismo, que buscou a ampliação das pautas discutidas incluindo as questões educacionais e influenciando movimentos de luta ao redor do mundo.

Pensando na especificidade da Educação Física escolar, podemos dizer que as questões de gênero sempre se fizeram presentes em sua história, como na fase higienista. De acordo com Milagres, Silva, Kawalski (2018) as propostas teóricas do movimento higienista acabavam reforçando os estereótipos do gênero feminino, onde os programas ofertados as mesmas ensinavam a cuidar do lar e gerar futuros servidores da pátria.

Assim sendo a Educação Física traz consigo desde seus primórdios uma ideia de

separação por gênero onde o homem era detentor do corpo forte e ideal e as mulheres vivam as suas sombras. Para Cisne (2018), esse tipo de relação desigual de poder se estabelece tendo em vista que vivemos em uma sociedade patriarcal e capitalista.

Diante disso, assim que pensamos a Educação Física escolar e seus conteúdos, podemos entender a mesma como uma ferramenta das manifestações corporais. Segundo Carvalho (2006):

Componentes da cultura corporal dos povos, dizem respeito ao homem em movimento, aos seus gestos e ao seu modo de se expressar corporalmente. Nesse sentido, agregam as mais diversas formas do ser humano se manifestar por meio do corpo e englobam as duas racionalidades: a ocidental com as ginásticas, esportes e caminhadas e a oriental, com o tai-chi, yoga, lutas, etc. (Carvalho, 2006, P 02).

Dornelles e Fraga (2009) destacam que no início do século XX a Educação Física escolar se desenvolvia a partir da perspectiva de que os exercícios deveriam ser destinados de acordo com o que o corpo precisava para alcançar objetivos sociais. Sendo assim, as práticas ofertadas eram diferenciadas por acreditar que meninos e meninas possuíam necessidades específicas, levando em conta o ideal de que o corpo de meninos e meninas tendiam a alcançar objetivos sociais distintos, favorecendo assim a precisão da separação por gênero durante as aulas.

Portanto, mesmo ao estarmos a viver em um novo século, muito dessa realidade das aulas de Educação Física do passado, ainda se faz presente nos dias atuais de modo a contribuir pela permanência de diversos pensamentos e atitudes preconceituosas relacionadas às questões de gênero, reproduzidas sem nenhuma reflexão ao longo das aulas e que acabam por refletir na vida social dos alunos.

3.2. Relação histórica entre meninos e meninas durante as aulas de educação física do ensino médio

Na tentativa de romper com os estereótipos de gênero e tentar reverter a resistência de meninos e meninas e ainda outros problemas relacionados a gênero, os professores têm adotado cada vez mais práticas de caráter misto.

De acordo com Jesus e Deivid (2006) os alunos apresentam mais características positivas

em relação às aulas separadas por sexo e características negativas as aulas mistas. Dessa forma vem à tona os comportamentos excludentes, como o fato de os meninos serem mais incentivados a praticar futebol e as meninas atividades mais delicadas, causando assim agrupamentos separados por gênero. A manifestação dessas opiniões está fortemente associada à falta de atenção e diálogo com os alunos sobre as questões de gênero e os problemas que tal divisão acarreta.

Seguindo essa perspectiva, Mattos (2014) aponta que a separação por gênero se dá de forma natural e que meninos parecem mais dispostos a aulas mistas do que as meninas, pois essas afirmam que as aulas separadas são mais amigáveis e seguras.

Tais pensamentos se manifestam a partir do conhecimento e da internalização social de ideias de habilidades e destreza de um gênero sobre o outro em atividades específicas, o sentimento de inferioridade faz com que as meninas estejam menos dispostas a dividir espaço com os meninos por os acharem muito fortes e competitivos.

Ainda sobre o comportamento resistente, Mattos (2014) indica que de forma predominante as meninas resistem às aulas mistas e que relatam um sentimento de medo, o que as leva a não realizarem as atividades propostas em aulas. Cabendo assim uma reflexão sobre a postura do docente frente a esses conflitos e barreiras do gênero durante o planejamento e execução das aulas práticas.

A resistência feminina tem forte associação com a ideia da força sempre superior dos meninos e a preferência dos mesmos pelas aulas separadas. O discurso social de que os meninos majoritariamente possuem maiores força e habilidade nas atividades que compõem o currículo da Educação Física, contribui para que as meninas se inferiorizem e se sintam incapazes de realizar as mesmas atividades de forma igualitária.

Sendo assim Duarte e Mourão (2007) mostraram que os mesmos sexos recebem as mesmas oportunidades de atividades, mas que não ocorriam ao mesmo tempo por carência de espaço e por falta de times mistos devido à ausência de habilidade e interesses associados às meninas.

A partir disso podemos afirmar que a forma com que os meninos e as meninas se relacionam nas atividades de Educação Física no contexto escolar acabam interferindo tanto na participação quanto na aprendizagem e vivência das atividades favorecendo um gênero em detrimento do outro.

3.3. Visão dos professores sobre as práticas mistas

Com o decorrer do tempo e o crescente interesse de entender e refletir sobre as questões de gênero, os professores de Educação Física têm se preocupado em ofertar práticas mistas tendo em vista que durante as aulas esses conflitos relacionados a desigualdade de gênero se manifestem mais facilmente.

Segundo Altmann, Ayoub e Amaral (2011), não existe um consenso sobre considerar ou não as questões de gênero durante as aulas, alguns professores defendem as vantagens de trabalhar em aulas mistas enquanto outros conseguem visualizar mais vantagens em aulas separadas.

Ainda nos dias atuais é muito comum que a ideia de trabalhar somente com grupos de indivíduos “homogêneos” traz consigo uma maior propensão de facilitar o desenvolvimento e ainda reduz de forma significativa os conflitos e tensões que podem ser causados a partir das relações de gênero.

Sendo assim, a forma como os professores veem as práticas mistas vai depender de qual nível de importância que o mesmo atribui a discussões sobre esses conflitos de gênero.

Mariano e Altmann (2016), ressaltam que os professores menos diretivos em suas propostas pedagógicas acabaram contribuindo para construção de relações de gênero menos hierarquizadas, assegurando que as crianças superassem as relações de gênero previamente estabelecidas e deixando de lado a desigualdade.

A partir destas colocações percebe-se que os professores de Educação Física ainda não conseguiram atingir um senso comum no que diz respeito a trabalhar aulas mistas e separadas, e essa decisão é pautada de um viés pessoal onde se é pensado e executado um modelo pedagógico no qual o professor se sente mais seguro, sem levar necessariamente em consideração as necessidades de discussão e reflexão sobre as relações de gênero construídas nas suas aulas.

Desse modo, somente o interesse sobre as práticas mistas não se faz suficiente para acabar com a reprodução dos comportamentos estereotipados entre meninos e meninas dentro das aulas de Educação Física. Para que seja possível uma reflexão de forma mais diretiva no processo formativo de meninos e meninas, ordenar que os mesmos dividam espaços em comum

numa quadra não é suficiente, é preciso se pautar por um modelo coeducativo.

Sendo assim Dornelles e Fraga (2009), afirmam que para um trabalho educativo eficiente uma escola mista é indispensável, mas que nem todo trabalho pedagógico só por ser de caráter misto torna-se coeducativo.

Partindo dessa ideia, aulas mistas estão longe de ser sinônimo de aulas co educativas, baseado nessa situação é necessário ressaltar a importância de informar os professores de Educação Física sobre essa recorrência, já que a oferta de aulas mistas não cumpre com a necessidade de discussões de gênero no espaço escolar.

Entretanto, mediante investigação realizada no campo de ação da pesquisa, foi detectado que a Educação Física da forma com que está sendo trabalhada tem grande probabilidade de estar contribuindo para a reprodução dos preconceitos existentes acerca das questões de gênero. Já que, no que concerne às aulas co educativas foi notada certa incoerência entre o discurso e a prática de professores/as e alunos/as na realização da mesma. (Cruz e Palmeira, p.16, 2009)

Assim como supracitado os professores de Educação Física tendem a dar preferência aos métodos de ensino tradicionais por oferecerem certa facilidade comparado a outros. A separação de turmas por gênero reduz as diferenças de habilidades motoras e os conflitos de gênero se tornam insignificantes.

A falta de afinidade com modelos de aula coeducativos pode ainda ser resultado do modelo ao qual o professor foi exposto durante sua graduação, tornando necessário o interesse por aprimoramento dos conhecimentos necessários para assegurar aulas pautadas em equidade para os alunos.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O nosso trabalho de natureza descritiva, se caracteriza por uma abordagem qualitativa, regida por uma pesquisa bibliográfica, ao fazer uso de artigos, teses, dissertações, entre outros, no intuito de alcançarmos os nossos objetivos e respondermos às nossas inquietações.

De acordo com Pedroso et al. (2017), a pesquisa de natureza descritiva tem como objetivo descrever um fenômeno ou situação em detalhe, permitindo abranger com clareza as características de uma situação, bem como desvendar a relação entre os eventos. Já a abordagem qualitativa é capaz de aprofundar a questão do significado e com isso, “[...] as relações e as estruturas sociais, sendo estas últimas tomadas tanto no seu advento, quanto na sua transformação, como construções humanas significativas” (MINAYO, 2000, p.10).

Sobre a pesquisa Bibliográfica, nos baseamos em Severino (2007), quando a define da seguinte maneira:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p. 122).

Assim sendo realizei uma busca por autores que estudam sobre o conteúdo de gênero nos artigos e demais materiais encontrados nas plataformas: scielo, lilacs, revista UFG, RBAFS entre outras, a partir dos critérios de inclusão: abordar questões de gênero e Educação Física escolar, população alvo, importância das plataformas, relação com os objetivos propostos, temáticas apresentadas pelas pesquisas e o contexto de realização dos trabalhos encontrados. E dos critérios de exclusão: Temporalidade, relevância temática e local de realização da pesquisa, excluir os trabalhos que abordaram o gênero fora do ambiente escolar.

5. RESULTADOS

Com base na busca e interpretação de textos que discutem e pesquisam sobre o conteúdo deste estudo podemos observar que quase majoritariamente as classes de Educação Física são mistas, e a separação entre meninos e meninas acontece de acordo com a atividade prática proposta pelos professores, o que ressalta as desigualdades manifestadas durante as aulas de Educação Física.

Dessa maneira, Altman et al. (2018) concluem que existe uma relação direta entre as desigualdades e as experiências referentes à cultura corporal do movimento. O estudo supracitado verificou que a separação por gênero a partir da atividade proposta acaba influenciando as relações de meninos e meninas com atividades físicas para além do ambiente escolar, onde os meninos são mais adeptos a prática de atividades físicas e esportivas e tendem a manter o comportamento para além do ambiente escolar enquanto as meninas vivenciam uma experiência limitada e se visualizam com menor competência para desenvolver as mesmas atividades.

Adicionalmente Mariano e Altman (2016) e Dornelles e Fraga (2009) evidenciam que apesar de os professores motivarem de forma igualitária que meninos e meninas experimentem e vivenciem tudo que é proposto, essa iniciativa não se faz suficiente para a diminuição da desigualdade.

As pesquisas esclarecem que a participação por gênero sofre influência desde o planejamento da aula pelos professores até a forma de avaliação que ao seguirem padrões tecnicistas e conservadores acaba reforçando sensações de inferioridade e superioridade entre gêneros.

Por conseguinte outro problema muito pontuado ao realizar a leitura das referências usadas para construção desse trabalho é a falta de consenso da classe docente sobre a relevância de discutir as questões de gênero dentro dos conteúdos propostos e ofertados, muitos professores ainda organizam as suas práticas de acordo com aquilo que é mais “fácil”, a partir de uma leitura do que a turma prefere, pois consideram que assim a aula se desenvolverá de forma mais segura e que garantirá a adesão dos alunos e muitas vezes não percebendo a manutenção de um padrão de aula que perpetua a desigualdade e o reforço de estereótipos injustos.

Dado que Auad (2004) discursa sobre a necessidade de entender e diferenciar a realização de aulas mistas e co educativas, nem toda aula pelo simples fato de ser mista vai possuir o caráter metodológico coeducativo, isso só será efetivado se a mesma for pautada em metodologias, e direcionamentos que não só problematize as questões de gênero, mas, que também conscientize e socialize as manifestações, sejam elas masculinas ou femininas, de forma igualitária e satisfatória sem que um ou outro gênero seja beneficiado.

Considerando o exposto por Devide et al.. (2010) só no fim da década de 80 e ainda de forma mais significativa no início da década de 90, é que os estudos sobre gênero e Educação Física começam a surgir. Sendo assim essa é uma discussão recente e que tem chamado mais atenção com o decorrer dos tempos, o que nos faz questionar também se existe uma lacuna na formação profissional que vem se mantendo desde as décadas anteriores, que contribui e afeta o julgamento dos professores sobre a relevância da discussão sobre as questões de gênero nas aulas de Educação Física, mais especificamente no contexto do Ensino Médio, já que tais alunos se encontram no processo de transição para a vida adulta.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a Educação Física traz desde o seu surgimento possibilidades de discussão acerca das questões de gênero que permeiam as suas práticas, diante de tudo que aqui foi apresentado acreditamos que a partir dessa pesquisa conseguimos alcançar de forma exitosa os nossos interesses e responder o nosso problema de pesquisa ao qual denominamos: Como a Educação Física e suas práticas corporais mistas podem contribuir para a desconstrução da desigualdade de gênero?

Entretanto, é importante entender as limitações desse estudo, pois o mesmo não alcançou tudo aquilo que a temática ainda pode apresentar. O que torna necessário a iniciativa de novos pesquisadores que através de trabalhos in loco, com maior extensão e diversidade possam assegurar um conhecimento mais esclarecedor a respeito das questões de gênero e a Educação Física escolar. Contudo, ainda assim a pesquisa conseguiu atender os dois objetivos específicos apresentados, quando nos aponta que desde o surgimento da Educação Física escolar as desigualdades no que se referem a gênero sempre foram acentuadas e que se solidificaram ainda mais com os estereótipos reproduzidos socialmente e culturalmente, e que apenas aulas mistas não são suficientes para a resolução do problema.

Logo observa-se muita divergência nas relações entre gênero nas aulas de Educação Física, justificadas pela manutenção dos preconceitos e estereótipos reproduzidos e normalizados. Por conseguinte, o fato de não existir ainda um consenso por parte dos professores sobre considerar ou não as questões de gênero durante as aulas, ou seja, as atitudes de tais profissionais influenciam diretamente na manutenção ou no combate das desigualdades referentes a tal temática. Onde a resolução desse problema em grande parte está atrelada a iniciativa dos professores em se preocuparem com o planejamento e o desenvolvimento de aulas voltadas a coeducação, manifestações culturais e de gênero partindo de um fazer por fazer, para um fazer reflexivo, inclusivo e revolucionário.

Pois, foi possível verificar que se as propostas de aulas forem reflexivas e inclusivas, elas irão contribuir potencialmente para a transformação da Educação Física escolar num espaço reflexivo, acolhedor e equitativo. Já que a pesquisa constata, que a aula mista é uma iniciativa boa, mas que por si só, acaba não contribuindo de forma significativa para a

desconstrução da desigualdade de gênero, se tornando apenas um fazer pelo fazer, sem reflexões e nem problematizações a partir dos comportamentos desiguais apresentados.

Contudo vale ressaltar que é fundamental o comprometimento com o desenvolvimento da educação e do ensino de qualidade, sendo assim é extremamente necessário que os professores de Educação Física busquem a melhor forma de promover aulas de formas inclusivas e igualitárias, para contribuir na formação eficaz dos indivíduos e consequentemente na construção de uma sociedade melhor.

7. REFERÊNCIAS

AUAD. Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola / Daniela Auad — 2. ed. — São Paulo: Contexto, 2021. Acesso em: 08 de Outubro de 2024

AUAD, Daniela. **Relações de gênero nas práticas escolares: da escola mista ao ideal de co-educação**. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. . Acesso em: 22 de Julho de 2024

ABREU. Jânio Jorge Vieira de. & ANDRADE. Thamyres Ramos de. **A compreensão do conceito e categoria gênero e sua contribuição para as relações de gênero na escola**. 2010. Disponível em: www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/.../GT_10_01_2010.pdf. Acesso em: 26 de Novembro de 2023

Altmann, H Ayoub, E Amaral, S. S. C. F. (2011). **Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"?** *Revista Estudos Feministas*, 19(2), 491–501. <https://doi.org/10.1590/s0104-026x2011000200012>. Acesso em: 27 de Fevereiro de 2024

ALTMANN, H. et al.. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 1, p. e44074, 2018. Acesso em: 07 de Maio de 2024

CARVALHO, Y. M. **Promoção da Saúde, Práticas Corporais e Atenção Básica**. Revista Brasileira de Saúde da Família. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: (portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/revcapa5.pdf). Acesso em: 28 de Junho de 2023

CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. **Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar**. Motriz, Rio Claro, v.15 n.1 p.116-131, jan./mar. 2009. Acesso em: 07 de Maio de 2024

CISNE, M.. Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. **Serviço Social & Sociedade** , n. 132, pág. 211–230, maio de 2018. Acesso em: 13 de Abril de 2023

DUARTE, C. P.; Mourão, L. **Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de Educação Física**. Movimento, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 37–56, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2924. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2924>. Acesso em: 07 de Agosto de 2024

DORNELLES, P. G; FRAGA, A. B. **Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar**. Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física – ISSN 2175-8093 – Vol. 1, n. 1, p.141-156, Agosto/2009. Acesso em: 18 de Janeiro de 2024

DEVIDE, F. P. et al. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz. Revista de Educação Física. UNESP**, v. 17, n. 1, p. 93–103, 20 nov. 2010. Acesso em: 19 de Dezembro de 2023

Jesus, Mauro Louzada de , Pries Devide Fabiano **Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes**. Movimento [em linha]. 2006, 12(3), 123-140. ISSN: 0104-754X. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115315952006>. Acesso em: 04 de Março de 2023

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7.ed. -. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec, 2000. 269 p. Acesso em: 19 de Julho de 2023

Mattos, M. Z. d. (2014). **Aulas mistas na Educação Física: tensões e contradições** [Universidade Federal de Pelotas]. <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3177>. Acesso em: 23 de Agosto de 2024

Mariano, M., & Altmann, H. (2016). **Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas?** *Cadernos Pagu*, (46), 411–438. <https://doi.org/10.1590/18094449201600460411>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2024

MILAGRES, Pedro; DA SILVA, Carolina Fernandes; KOWALSKI, Marizabel. O higienismo no campo da Educação Física: estudos históricos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 160–176, 2018. DOI: 10.5007/2175-8042.2018v30n54p160. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n54p160>. Acesso em: 15 de Março de 2024

PEDROSO, J. DE S.; SILVA, K. S. DA; SANTOS, L. P. DOS. PESQUISA DESCRITIVA E PESQUISA PRESCRITIVA. **JICEX**, v. 9, n. 9, 2017. Acesso em: 25 de Abril de 2024

POLONI, Luiz Henrique; FURLAN, Cássia Cristina. Educação física escolar e as questões de gênero: a prática pedagógica em foco. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1–22, 2022. DOI: 10.5007/2175-8042.2022.e83993. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/83993>. Acesso em: 02 de Setembro de 2024

SPOSITO, Marília Pontes. **Indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil: institucionalização tradicional e novos significados**. Revista de Estudios sobre Juventud, v. 9, n. ja/ju 2005, p. 220-267, 2005 Tradução . . Acesso em: 02 de Setembro de 2024

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007. Acesso em: 07 de Setembro de 2023

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 19 de Abril de 2024